

RÉTORICA ESPECULATIVA¹

Pascal Quignard

Pascal Quignard é um escritor francês contemporâneo cuja obra, iniciada no final da década de 1960, constitui uma meditação antimetafísica sobre o fenómeno humano, que põe em causa o 'statu quo ontológico'. Combinando ficção e teoria, Quignard nega a prevalência ontológica do *Logos* sobre a substância viva e imerge o vivente humano na força heracliteana da *Physis*. A sua crítica do pensamento humanista antropocêntrico implica uma conceção da animalidade humana que remonta à antropogénese. Em *Rhétorique spéculative*, 'petit traité' onde reivindica a sua pertença à tradição antifilosófica dos letrados greco-romanos e desenvolve uma conceção naturalista da cultura e da literatura, Quignard elabora uma narrativa antropogenética centrada na predação. Reinterpretando a tese de Serge Moscovici sobre a mutação cinegética da espécie, o autor equaciona o devir-humano do vivente como devir-predador da presa: um determinado ramo de primatas tornou-se humano na medida em que imitou os carnívoros, longa e penosamente. Neste extrato, a narrativa antropogenética reinterpreta o mito freudiano do parricídio primordial, considerado

¹ Pascal Quignard (1995). *Rhétorique spéculative*. Paris: Calmann-Lévy, pp. 34-41, 45-46.

um 'mito de homem'. O parricídio fundador é substituído por um cenário de predação animal, repetido vezes sem conta, no qual a horda, composta por machos subadultos periféricos, é exposta aos predadores, a fim de proteger o núcleo reprodutor e as crias. Matriz do mecanismo sacrificial que (re)estrutura os grupos humanos, a relegação dos machos subadultos para a periferia presidiu à imitação dos predadores pela qual os primatas simiescos se foram lentamente convertendo em caçadores.

A luz, o ar, a água, a terra, os vegetais, os animais, ao grupo dos quais nós pertencemos, são uma estranha disponibilidade antiga limitada no tempo e no espaço, mas limitada também pelas respetivas propriedades. São todos dados sem linguagem. Não são todos acompanhados por razões, que são apenas decorrências da linguagem, e não são suscetíveis de finalidade que só ela pode determinar.

As sociedades humanas, as suas cidades, as suas culturas, as suas regras matrimoniais, as suas línguas, as suas técnicas, as suas migrações conquistadoras e as suas finalidades sonhadas sob forma de história ou de religião são aquisições que não foram nunca cortadas do dado natural, do dote físico, do dote biológico. Acasalamentos, cantos, modos de associação social, regras, adornos, migrações existem entre os animais. Não está no poder das sociedades humanas emanciparem-se desta dotação, desta *energeia* que caracteriza a *physis*. Surgindo no final da era neolítica, a história não foi senão a *akmé* das predações (a invenção da guerra) acompanhada da acumulação dos produtos (a invenção da contabilidade da escrita). Em caso algum ela foi um arrancar às amarras biológicas ou uma causa de dignidade particular. Ela foi, isso sim, um suplemento de horror (a predação entre congêneres, a canibalização intraespecífica). Foi no horror que nós não rompemos com a natureza; apenas reventamos os limites que a fome (o tamanho da goela das feras) impunha à ferocidade dos animais. A linguagem humana é para sempre um grito nascido

da imitação das feras e que se tornou em nós uma paixão, um órgão inumano que logo organizou os dois *pathos* que nos assaltam, o tânático e o erótico, de dor e de prazer. Muitas outras espécies animais possuem este órgão que as divide internamente em desprazer e em elação. A caça, a agricultura, a guerra foram predações miméticas e sobrepostas qui resultaram na História. Nós alastramos para fora do domínio original no que diz respeito ao espaço inicial, mas o ímpeto monstruoso que nos move é o mesmo: inumano, natural, dado.

[..]

A transição dos primatas ao homem não constitui um limite. Não houve origem do homem. Com ele a natureza derramou-se como acontece com a lava no cume do vulcão. Uma lenta metamorfose simultânea de várias espécies ao longo do tempo procedeu às suas próprias mutações – das quais uma, procurando as suas presas tal como todas as outras, descobriu uma orientação medonha na imitação da predação dos grandes carnívoros que espiava porque os temia.

A espécie humana não passou por nenhuma mutação: ela é o efeito da conversão em predadora de uma espécie que figurava como presa e a quem a apreensão e a ferocidade dos predadores fascinavam. A horda é um mito de homem. Os primatas símios vivem em grupo. As fêmeas, as crias e um macho dominante como corifeu e reprodutor formam um núcleo estável. Nas margens são rejeitados os bandos periféricos de machos subadultos. O território, em torno da base, é limitado pelo diâmetro da colheita que não requer deslocções importantes. Os bandos de jovens machos periféricos deslocam-se mais em torno do núcleo estável das mães e das mulheres. A exclusão dos mais jovens para a periferia impossibilita o incesto cuja proibição mais não foi do que uma consequência. O acesso aos recursos da esfera de filiação é-lhes interdito de igual modo. Rivalidade, periferia, homossexualidade, mobilidade, fome, rapina são o seu destino.

A arte de restaurar o passado é uma ousadia vã que expõe inevitavelmente ao ridículo. Ao mesmo tempo a pergunta sobre a sua

origem sempre formou um nó na garganta da cria humana, e talvez seja essa mesma pergunta o pensamento reflexivo que engendra a reflexão. A cena invisível assombra-nos. As conjeturas são delírios e as suas censuras demências. Nós nunca conhecemos a “rutura” com o reino animal e do mundo natural que nos supomos. Pelo contrário, reforçamos a integração.

Os machos cuja situação periférica expunha à predação juntaram-se às presas que os ameaçavam e tornaram-se seus parceiros. Uma presa cobiça uma presa e disputa-a a outras. Tal é a origem da humanidade: predação imitada. Um olho na carne morta, ao lado de outro mamífero farejando os vestígios dos predadores, sobre o qual voa o olho de um necrófago. Um homem, um lobo, uma águia.

Serge Moscovici mostrou que em caso algum se pode falar de uma “hominização” dos primatas, mas antes de uma “cinegetização” de alguns primatas. A *praedatio* devastou a colheita (em grego, o *logos*). Ao devastar a colheita, a caça transformou um herbívoro em mamífero necrófago dos restos dos grandes carnívoros que ele espiava com os rapaces e os lobos. Depois os antigos herbívoros que se tinham tornado necrófagos tornaram-se carnívoros. Estes transportes são as primeiras *metaphora*. Os homens transportaram-se naqueles que imitavam e que devoravam: urso, cervo, abutre, lobo, touro, mamute, bode, bisonte. Ou, no mundo précolombiano, puma, jaguar, condor. Cortar a carne de um carnívoro e distribuí-la chama-se sacrificar. Seguindo o rasto das presas, os homens instalaram-se nas grutas, cavidades, áreas, poços onde se abrigavam os animais por eles perseguidos. A caça tornou-se um modo de vida exclusivo: o animal é o modelo, a imagem, o concorrente, o alimento, o deus, a indumentária, o calendário, a razão do grito, o tema dos sonhos, o lar dos filhos, a deslocação como destino, o mundo como trajeto. Nas paredes das grutas magdalenianas, a face humana é bestializada sob a forma de cabeça de urso, de lobo, de abutre ou de cervo. A agressividade, a ferocidade e a guerra não

surgiram em nós geneticamente. Elas vieram-nos da caça: foi uma longa aprendizagem da morte primeiro vestigial, depois dada. O canibalismo foi a etapa seguinte: o cúmulo da caça e a aurora da guerra. Aquilo a que se chama o devir-homem de certos primatas foi o lento devir-animal dos protoçadores. [...]

Os grupos humanos continuam a tentar impor a sua humanidade, ressaltando a sua origem e o dote que entendem ser-lhes próprio. A sua língua nacional, tal como a sua cidade local, esperam tecer um véu e fundar uma ordem que os distingam do seu pêlo, dos seus caninos, dos seus genitais, do modo animal, ou seja, sem qualquer especificidade, da sua reprodução, dos seus ruídos, dos seus cadáveres que apodrecem como os demais cadáveres de outros mamíferos e estimulam, como eles, o apetite das aves de rapina e dos mamíferos necrófagos, que os devoram como as demais presas. O laço social é construído sobre esta exclusão do outro de onde vimos, de onde não queremos vir, que não é de modo algum um outro, e que é acusado de não ser, de modo algum, humano, como o próprio humano.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE
CRISTINA ÁLVARES E CONCEIÇÃO VARELA

Universidade do Minho

